

SUPLEMENTO INTERGRAFICO

SINGRA

VOLIV ★ ★ ★ ★ 1953 ☆ N.º 66

Correio da Manhã

SECÇÃO ILUSTRADA

TODAS AS
SEXTAS-FEIRAS

NAO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE



De moleque de Itapoan a placa de Itapoan

Foi uma beleza a festa que os bahianos fizeram para Dorival Caymmi

Texto de RUBEM BRAGA

Fotos de ROZEMBERG



Aqui é o largo da Matriz de Itapoan, hoje Praça Dorival Caymmi. Vê-se o palanque da festa; no meio da praça um homem vende côco verde. Defronte a igreja há um coqueiro - e o mar

Caymmi, em companhia de sua esposa Stella Maris, chega para a festa do "emplacamento"



NA rua do Bângala (hoje dr. Fulano de Tal), na cidade do Salvador, em 30 de abril de 1914, o lar do sr. Durval Henrique Caymmi foi enriquecido com o nascimento de um robusto pimpolho que recebeu o nome de Dorival. Cujos Dorival fez o curso primário, entrou para o ginásio mas não foi além do primeiro ano, porque era preciso trabalhar para viver. O rapazinho fez-se praticista, vendendo bebidas, até que um dia se aborreceu demais, bebeu o mostruário e largou o emprego. Meteu-se em um concurso para escrivão de coletoria, foi aprovado, esperou debalde nomeação durante dois anos; entrou para «O Imparcial» onde, se não redigia o artigo de fundo pelo menos escrevia à mão, no cabeçalho, o enderêço dos assinantes do interior, pois naquele tempo o jornal ainda não tivera a idéia de comprar um adressógrafo. Também fazia miudos serviços de escritório e, para falar a verdade, quando a máquina enguiçava e não dobrava o jornal em quatro como era sua obrigação, Dorival Caymmi fazia isso com precisão e paciência.

Tudo isso enche uma pessoa; aos 24 anos Dorival andava assim, meio sem ofício — desenhava uns letreiros e cartazes para casas comerciais, pegava pequenos biscates e a coisa mais importante que fazia era o que fazia na hora em que não tinha nada que fazer: ia com seu irmão Deraldo (já morto) e com seu amigo Zézinho e um irmão dele muito menor chamado Luiz, para as areias de Itapoan, para as margens da lagoa de Abaeté, cantar, tomar banho de mar, namorar, virar cachaça. O pai tocava (e toca) violão, piano e bandolim. O filho ficou no violão, mas



Antonio Maria — cronista, compositor, produtor — dirigiu o "show" na "boite" do Hotel da Bahia, em homenagem a Caymmi. E fez Stella Maris cantar com o marido



O prefeito Oswaldo Gordilho declara crismada a praça, em nome do povo da Bahia. Abaixo, numa fotomontagem de Leão Roxemberg: o cantor e a placa

so o que tem é que nas noites de luar começou a compor certas modinhas, como por exemplo «A Noite de Temporal», modinhas em que falava do mar. Também fazia marchas e com uma delas ganhou um concurso de marchinhas de Carnaval. A marchinha chamava-se «A Bahia também dá» e o primeiro prêmio do concurso era, um tanto extraordinariamente, um abat-jour.

Em 1938 Dorival pescou um Ita (precisamente: o «Itapé») e veio para o Rio, onde muito penou. Cantou de graça em uma festa de São João na Rádio Tupi, uma festa ao ar livre em que choveu, mas o molhado e triste cantor teve o consolo de ouvir o espiquer dizer por solidariedade: «O cantor que acabaram de ouvir chama-se Dorival Caymmi resados à rua São José, 35, 1.º andar.»

Para encurtar conversa: em

Abaixo, o cronista Rubem Braga foi do Rio especialmente abraçar seu amigo Dorival Caymmi



1939 Dorival compoz «O que é que a baiana tem» e daí para a frente Dorival Caymmi começou a ser um nome conhecido. Esse nome está hoje na placa de uma praça: a praça da matriz de Itapoan, como sinal de gratidão do povo da Bahia ao seu grande cantor.

O emplacamento de Caymmi («ele sempre foi grande praça») — escreveram, com sinceridade, todos os cronistas, foi uma festa linda, cheia de povo, discurso e canções, numa noite de lua cheia. Foi gente do Rio e de São Paulo, e a festa acabou com milhares de pessoas cantando em coro a canção de Itapoan. Inclusive os coqueiros de Itapoan, as morenas de Itapoan...

Entre a gente que foi do Rio: Antonio Maria, Carlinhos Guinle, Oswaldo Luiz, Reginaldo Dias Leme, Odete Amaral, Doris Monteiro e o Trio Nagô.

